

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO  
ROGÉRIO CARVALHO

# BELVER

## AO TEMPO DOS ROMANOS

A POPULAÇÃO E SUAS CRENÇAS



ASSEMBLEIA DISTRITAL DE PORTALEGRE

1984

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO  
ROGÉRIO CARVALHO

# BELVER

AO TEMPO DOS ROMANOS

A POPULAÇÃO E SUAS CRENÇAS

ASSEMBLEIA DISTRITAL DE PORTALEGRE

1984

**FOTOGRAFIAS**  
**DE**  
guilherme cardoso

NOTA: Omitiram-se na digitalização as páginas pares que estão em branco no original.

## introdução

Quando um povo dimenticamente avovera pelo caminho do progresso, tem de se acordar, de despertar em vez, as bordas do seu passado, para se reconfortar pela água fértil que brota do manancial da tradição.

**Um povo é um organismo criado pelo passado.**

**Os verdadeiros guias dos povos são as suas tradições.**

Gustave Le Bon

De facto, se os vestígios materiais duma civilização — ruínas de templos, castelos, colónias — constituem elemento imprescindível para a sua caracterização, é aos monumentos epigráficos que vemos buscar informações acerca das suas gentes: da origem étnica, das crenças e preocupações. Graças em particular a estes textos foram pensados exactamente para perpetuar memórias — cumpridos, pois, a tarefa de interpretar essa mensagem.

Quem já estudou a epigrafia romana de Évora

Não estão incluídas as inscrições romanas achadas no termo de Évora.

## INTRODUÇÃO

Quando um povo decididamente envereda pelo caminho do progresso, tem de se encostar, de quando em vez, ao bordão do seu passado, para se reconfortar pela água fértil que brota do manancial das suas raízes ancestrais.

Por isso que em boa hora a Câmara Municipal de Gavião pensou em incluir nas comemorações dos 790 anos da fundação de Belver a edição dum opúsculo que reunisse os monumentos com inscrição deixados aí pelos Romanos.

De facto, se os vestígios materiais duma civilização — ruínas de povoados, castelos, cerâmica... — constituem elemento imprescindível para a sua caracterização, é aos monumentos epigráficos que vamos buscar informações acerca das suas gentes: sua origem étnica, suas crenças e preocupações. Gravados em duradoura pedra, esses textos foram pensados exactamente para perpetuar memórias — cumpre-nos, pois, a tarefa de interpretar essa mensagem.

### Quem já estudou a epigrafia romana de Belver

Não estão inéditas as inscrições romanas achadas no termo de Belver.

Félix Alves Pereira, arqueólogo que, em demanda de coisas antigas de que se apressava depois a dar público conhecimento, calcorreou, nos começos deste século, boa parte do território nacional, designadamente a Beira Baixa, escreveu, em 1912, a primeira síntese acerca d'A Antiquidade em Belver (Páginas Arqueológicas, VI, Lisboa, p. 7 — 17). Nesse artigo, publicado no volume XVII (p. 265 — 275) d' "O Archeologo Português", órgão oficial do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, de Lisboa, então designado "Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos", enumera as belezas do local, demorando-se na descrição do castelo e da ermida de S. Brás, para se referir depois aos vestígios arqueológicos lusitano-romanos encontrados, entre os quais as inscrições n.º 4, 5, 6, e 7 do nosso catálogo.

No entanto, talvez pelo título genérico do artigo, o certo é que a referência às inscrições passou totalmente despercebida aos investigadores que, de então para cá, se têm dedicado ao estudo da onomástica romana e pré-romana. Justifica-se, pois, que de novo as publiquemos.

#### **Pe Eugénio Jalhay**

Vários anos depois, já na década de 40, o Pe Eugénio Jalhay, arqueólogo e epigrafista notável, interessou-se muito pelas inscrições romanas das Beiras e do Alto Alentejo. Entre os bem documentados artigos, que habitualmente publicou na revista "Brotéria", de Lisboa, inseriu um, no volume XLVIII, de 1949, p. 226-236, intitulado **Lápides romanas dos arredores de Mação (Beira Baixa)**. Era o resultado duma sua vinda a Mação, onde lhe deram a conhecer, entre outros, os três monumentos epigráficos hoje guardados no Museu Municipal "Dr. Calado Rodrigues" (n.ºs 1, 2 e 3 do nosso catálogo).

#### **Referências posteriores**

E. Jalhay teve melhor sorte que Félix Alves Pereira no âmbito científico nacional e internacional. Os tempos, aliás, eram outros, de maior atenção ao que se publicava sobre a Antiquidade.

Assim, o seu estudo é prontamente referenciado pela revista "L' Année Épigraphique"<sup>2</sup>(Paris, 1950, p. 243, inscrições n.ºs 218 a 221) e por Fernando Russel Cortez no relatório sobre as actividades arqueológicas desenvolvidas em Portugal no ano de 1948, inserido no volume 77 do "Archivo Español de Arqueologia", de Madrid (1949, p. 400-413): as lápides são transcritas nas pág. 410-411.

A actividade do P<sup>e</sup> Jalhay e do Dr. Calado Rodrigues foi, ainda, relatada por J. M. Bairrão Oleiro no artigo **Actividades arqueológicas no concelho de Mação (Beira Baixa, Portugal)** inserido na revista "Zephyrus" (Salamanca, vol. II, 1951, p. 107-109), onde as inscrições publicadas pelo P<sup>e</sup> Jalhay são sinteticamente referidas na p. 108.

É, porém, na apressada e incorrecta referência do "Archivo Español de Arqueologia" que se irão basear os investigadores da onomástica e das divindades pré-romanas, sem que se tivesse sentido a necessidade — ou proporcionado a oportunidade — de voltar à análise directa dos monumentos.

De facto, quando Maria Amélia Horta Pereira publica **Monumentos históricos do concelho de Mação** (Mação, 1970) e se refere, acidentalmente, às inscrições de Belver (p. 227 e 316), limita-se a transcrever os dados do P<sup>e</sup> Jalhay. O mesmo faz Maria de Lourdes Albertos, ao estudar a antroponímia, e um de nós, ao traçar o panorama das divindades indígenas veneradas sob o domínio romano em Portugal.



Dispomos hoje de maiores conhecimentos acerca da onomástica e das crenças pré-romanas peninsulares. O avanço tecnológico permitiu, também, a obtenção de fotografias em melhores condições, possibilitando mais rigorosa leitura. Justifica-se, assim, o propósito deste nosso contributo para a história romana da freguesia de Belver, voltando a estudar os sete monumentos epigráficos achados no seu termo.

Referir-se-á, de cada um, o local de achamento e o paradeiro; depois de uma pequena descrição, far-se-á a leitura e a tradução do texto. Assinalada a bibliografia, comentar-se-á a forma

como o texto foi escrito e demorar-nos-emos na análise histórica do seu conteúdo (1).

A conclusão final procurará dar uma panorâmica das informações colhidas (2).

---

(1) Utilizaremos as seguintes abreviaturas:

AE: "L'Année Épigraphique";

art. cit.: artigo citado;

CIL II: HÜBNER (Emílio), *Corpus Inscriptionum Latinarum*, vol. II, Berlim, 1869 e 1892 (suplemento);

DIP: ENCARNAÇÃO (José d'), *Divindades Indígenas sob o domínio romano em Portugal*. Lisboa, 1975;

ILER: VIVES (José), *Inscripciones Latinas de la España Romana*. Barcelona, 1971 e 1972.

IRCP: ENCARNAÇÃO (José d'), *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*. Coimbra, 1984.

o.c.: obra citada.

O. Prim.: ALBERTOS (Maria de Lourdes), *La Onomástica Personal Primitiva de Hispania ... Salamanca, 1966.*

(2) Agradecemos à Câmara Municipal de Gavião, na pessoa do seu presidente, Jaime da Conceição Cordas Estorninho, e do vereador Manuel Baptista Martins, que gentilmente nos acompanhou, todo o apoio que nos concedeu; ao presidente do Município de Mação, Elvino Vieira da Silva Pereira, a autorização concedida para fotografar os monumentos guardados no Museu Municipal; ao Governador Civil de Portalegre, o ter prontamente acedido a patrocinar esta edição.



1. Arts e uma das inscrições  
romanas.

Encontrada em finais  
de 1965, por ocasião de  
obras de restauro no jardim  
de S. João Evangelista, em  
Vila de São, encontra-se  
na parede do templo de São  
João Evangelista de Vila de São.

## **AS INSCRIÇÕES ROMANAS DE BELVER**

Encontrada em finais  
de 1965, por ocasião de  
obras de restauro no jardim  
de S. João Evangelista, em  
Vila de São, encontra-se  
na parede do templo de São  
João Evangelista de Vila de São.

FOTO 1

25,5 / 20,5 x 12,5 / 16,8

25,5 / 20,5 x 12,5 / 16,8

25,5 / 20,5 x 12,5 / 16,8

25,5 / 20,5 x 12,5 / 16,8

EDITORA: TALETA - Rua T. GARIBOLDI, 100 - FLORENÇA - D. 1504  
Vila de São

Impressão em Lisboa, edição e distribuição em Vila de São

Deposito legal n.º 1.141/71 - 1.141/71 - 1.141/71 - 1.141/71 - 1.141/71

## 1. Ara a uma divindade indígena

Encontrada em Maio de 1945, por ocasião de obras de restauro na capela de S. João Evangelista, em Vilar da Mó, guarda-se esta ara votiva no Museu de Mação (121: número de inventário).

Em granito róseo, de grão médio, com abundância de feldspatos, pouco lhe resta do capitel, que teve moldura de dois toros nas quatro faces. O fuste foi alisado para receber a inscrição. Base tosca, separada do fuste por um toro.



FOTO 1

Dimensões: 67,6 x  $\begin{cases} 28,8 / 29,3 \\ 25,8 / 26,2 \\ 31,2 / 32 \end{cases}$  x  $\begin{cases} 25,9 / 26,6 \\ 23,3 / 23,8 \\ 28,7 / 30,2 \end{cases}$

Campo epigráfico: 31/31,9 x 25,8/26,2.

$\overline{AMMINVS}$  | TALTICI (*filius*) | BANNEI [*sic*] | PICIO | <sup>5</sup> D (e?) ·  
V(oto?) · P(osuit)

Amino, filho de Táltico, erigiu, por voto, a <sup>\*</sup>Banda Pício.

Altura das letras: 1.1: 4/4,1; 1.2: 4,2/4,3; 1.3: 4,5 (E-5,2); 1.4:

4,4; 1.5: 4,8/5,1. Espaços interlineares: 1: 2/2,5; 2: 1/1,1; 3: 0,8/0,4; 4: 0,5/0,9; 5: 0,3/1,1; 6: 3,1/3,5.

### Bibliografia:

JALHAY (E.), *art. cit.*, p. 231-233.

CORTEZ (F. Russel), *art. cit.*, p. 410.

AE 1950 n.º 220.

ALBERTOS (M. Lourdes), "Emerita", XXXIII, 1965, p. 138.

PEREIRA (M. Amélia Horta), *o. c.*, p. 227.

ILER 910.

DIP, p. 260-261.

BLÁZQUEZ MARTÍNEZ (J. M.), *Diccionario de las Religiones Pre-romanas de Hispania*, Madrid, 1975, p. 141.

*Variantes de leitura:* 1. 1: MINVS (Albertos, Cortez, ILER), MMINVS (AE); 1.3: RANNEL (todos os autores); 1.5: D(edit). V(otum). L(ibens). [(M(erito))] (todos os autores, excepto Cortez), M(erito) (Cortez).

Paginação com alinhamento à esquerda. O texto apresenta uma palavra em cada linha, de forma que só na fórmula final se recorre à pontuação, constituída por pontos oblíquos (3). Os caracteres são actuários, levemente inclinados para trás. Regista-se o nexu AM na l.1. Na l.3, a gravação profunda e alongada da perna esquerda do A impediu o P<sup>e</sup> Jalhay de notar que a letra anterior fechava em baixo, formando um B assimétrico; no final dessa linha, não distinguimos qualquer barra horizontal, de modo que deverá ler-se I e não L; as demais letras notam-se bem. A l.5 está seguramente alinhada com a anterior, sendo constituída unicamente por três letras; a última, colocada sob o O, não está nítida: pela curvatura inferior, seríamos tentados a considerá-la um S, mas a hipótese de um P (eventualmente aberto) colhe melhor, atendendo à verticalidade da haste.

O dedicante do ex-voto identifica-se à maneira indígena: com um só nome, *Aminus*, e o nome de seu pai (*Taltici*), subentendendo-se a pala-

---

(3) Entre o V e o P dá a sensação de haver uma hera larga gravada, de pecíolo para cima. Simples ilusão óptica?

vra *filius*. Qualquer destes antropónimos é característico da Lusitânia, documentando-se na onomástica pré-romana da região (4).

Consideramos o voto dedicado ao deus *\*Banda* com o epíteto *Picius*, já documentado isoladamente em Oliveira do Hospital (5). *Bannei* estará por *Bandei*, dativo alongado de tipo pré-romano que se regista, por exemplo, em *Bandei Brialeacui* (Orjais, Covilhã) (6). Ter-se-ia verificado, aqui, a assimilação regressiva do D ao N.

A fórmula final, porque inusitada, continua a pôr problemas de interpretação. Rejeitada a hipótese duma quarta sigla, que não existe, e interpretando V.P pelo habitual *v(otum) p(osuit)*, o D inicial só poderá ser a preposição *de* ou a forma verbal *dedit* (7). Tanto *de voto posuit* (que preferimos) como *dedit votum posuit*, acentuando simultaneamente o carácter de doação e de cumprimento de promessa, são expressões que se aceitam.

O modo de identificação do dedicante, o dativo de tipo pré-romano e o inusitado da fórmula sugerem uma romanização incipiente, apontando como datação do monumento o século I, talvez até a sua primeira metade.

---

(4) *Amminus*: em Capinha, Fundão (CIL II 454-ILER 753); em Idanha-a-Velha (ILER 2082-5846a, 3721, 4432); e em Vila Viçosa (CIL II 146-ILER 4715-IRCP 444). Cfr. "Emerita", XL, 1972, p. 11.

*Talticus*: em Alvega (CIL II 172-IRCP 647); em Torre de S. Maria, Cáceres (ILER 2442); e em Alcollarín (CIL II 5301-ILER 3637 e 4887). Cfr. "Emerita", XL, 1972, p. 313.

(5) DIP, p. 259-260. Oliveira do Hospital pertence à mesma área linguística e cultural pré-romana que Belver. Não é caso único uma divindade ser designada num local apenas por um dos seus epítetos. Veja-se, como exemplo, *Banda Velugus Toiraeus* que também é invocado unicamente sob a designação de *Tueraeus* (cfr. DIP, p. 292) ou *Cosus Neneoecus* que num monumento se denomina *Neneoecus* (DIP, p. 168).

(6) DIP, p. 125. Resolve-se, com esta correcção de leitura, a dúvida que puséramos em 1975 afirmando que tão estranha forma *-Rannel-* em nada era passível de se interpretar como um normal e desejável dativo (DIP, p. 261). *Picius* deixa de ser considerado uma divindade "autónoma" para se incluir no número dos epítetos locais do deus *\*Banda*.

(7) *D(eo)*, como aposto do teónimo, é de rejeitar quer devido à paginação utilizada quer porque normalmente precede o teónimo. Um advérbio de modo — *diligenter*, por exemplo — seria ainda mais rebuscado.



FOTO 2

## 2. Ara votiva

Idêntica à n.º 1, também ela em granito róseo de grão médio com abundância de feldspatos, esta ara provém do mesmo local e foi encontrada nas mesmas circunstâncias da anterior. Guarda-se no Museu de Mação (sem n.º de inventário).

O capitel está também danificado, mas sente-se que teria havido moldura de dois toros nas quatro faces. A inscrição ocupa a face anterior do fuste, grosseiramente alisada e com bastantes mossas já; face lateral direita muito desgastada (por acção mecânica?). Base tosca, separada do fuste por um toro de que não há vestígios na face posterior.

Dimensões: 56 x  $\begin{cases} 32,2 / 32,9 \\ 29 / 29,2 \\ 33,1 / 29,6 \end{cases}$  x  $\begin{cases} 24,6 / 25,1 \\ 24 / 24,1 \\ 25,5 / 25,9 \end{cases}$

Campo epigráfico: 22,8 x 27,2.

CAENO / MATSIFI (?) (*filii*) / SOLVIT

Cenão, filho de Matsifo (?), cumpriu.

Altura das letras: 1.1: 5/5,2, 1.2: 3,5/3,6; 1.3: 5,1/5,6.

Espaços interlineares: 1: 1,1/1,6; 2: 1,9/2,5; 3: 1,6/1,8; 4: 1.7/1,8.

### Bibliografia:

JALHAY (E), *art. cit.*, p. 229-231.

CORTEZ (F. Russel), *art. cit.*, p. 410.

AE 1950 n.º 219.

ILER 381.

*Variantes de leitura:* 1. 2: MARTI V(*otum*) L(*ibens*) (Jalhay), MATRIVL (Cortez), MATRI V(*otum*) L(*ibens*) (ILER).

Paginação com alinhamento à esquerda, registrando-se a existência dum sulco (linha auxiliar?) entre as 1. 1 e 2. Caracteres actuários, com tendência para o cursivo na 1.3: veja-se o lançamento do S e a obliquidade da barra do T.

Reside na 1.2, muito deteriorada, a dificuldade da leitura. Partimos do princípio que ela conterà a filiação do dedicante com omissão de *F(iilius)*, como acontece no texto n.º 1 (8). MAT parece-nos claro: M muito aberto, A sem travessão, T com a barra horizontal levemente apontada e sem qualquer nexu visível. A seguir, parece-nos S encimado por um I; a pedra esboçou, designadamente devido à barra do T, de modo que só se percebe bem um traço horizontal dum F ou dum E (de preferência a T), na parte superior; a última letra, praticamente isolada, afigura-se-nos ser um I, ondulado

(8) Rejeitamos decididamente a hipótese de aí se encontrar o teónimo *Marti* (dativo de *Mars*, Marte, o deus da guerra) ou *Matri* (dativo de *Mater*, Mãe), leituras que se baseiam na existência de um nexu RT ou TR que não se confirma na pedra. O Pe Jalhay e os autores que o citaram incluem o monumento no culto ao deus Marte; J. Vives (ILER) considera-o dedicado a Cíbele, a Mãe dos Deuses.

como o da 1.3. Não logramos, por conseguinte, identificar o patronímico, aparentado certamente com nomes como *Matuenus* ou *Maturus*.

*Caeno* é antropónimo peninsular conhecido (9).

A omissão do nome da divindade (10) e o achamento, no mesmo sítio, da ara ao deus \**Banda Picus* levam-nos a crer que o monumento foi dedicado a esse mesmo deus, cuja menção no entanto se omite, por desnecessária, dado que o local lhe estava consagrado. A hipótese de a capela de S. João Evangelista ter substituído, cristianizando-o, um antigo culto de origem pré-romana torna-se, por isso, extremamente provável.

FOTO 3



---

(9) Cfr. o mapa de distribuição organizado por Jaime SILES, "Studia Zamorensia", I, 1980, p. 37-39.

(10) Poderia também pensar-se que ele fora gravado no capitel, como aconteceu numa ara de Mouriscas ("Ficheiro Epigráfico", 1, 1982, inscrição n.º 2).

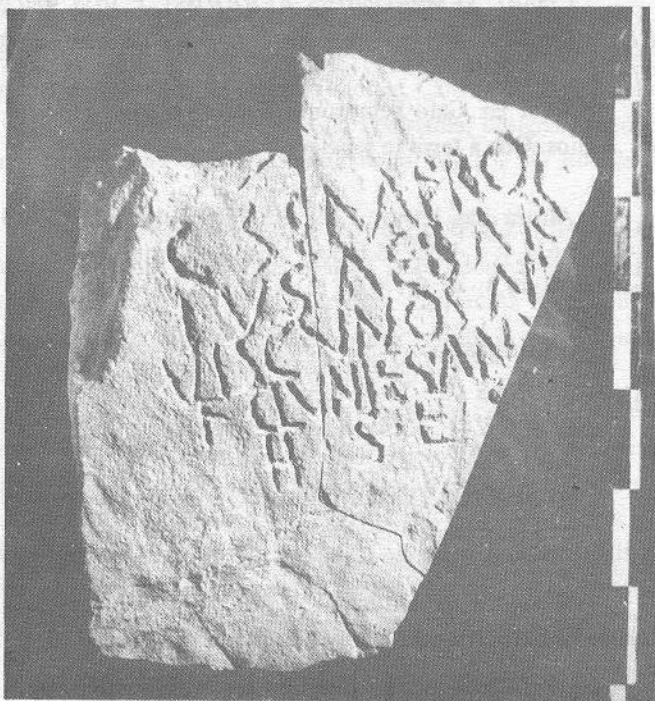


FOTO 3

### 3. Epitáfio de um cluniense

Estela funerária em grauvaque de grão muito fino, cinzento-azulada, achada por Domingos Pires numa propriedade de Francisco Marques, sita na Feiteira, Outeiro Cimeiro. Guarda-se no Museu de Mação (122: n.º de inventário).

De contornos irregulares, está partida em dois pedaços que se ajustam entre si, tendo, porém, desaparecido um fragmento do lado direito que levou obliquamente, da direita para a esquerda, o final da l. 2 a 5, chegando a atingir o meio desta última. Campo epigráfico polido.

Dimensões: 62,9 x 54,5 x 5,2.



*C(aius) SEMPRONIVS AEBARV[S] | VISCVNOS NI[...] | F(ilius) CLVNIE(n)S(is). AN(norum) X[...] | H(ic) . S(itus) . E(st) . S(it) [T'(ibi) . T(erra) . L(evis)]*

Aqui jaz Gaio Semprônio Ebaro Viscuno, filho de Ni ..., cluniense, de ... anos. Que a terra te seja leve.

Altura das letras: 1.1: 6,5/7 (S=7,4); 1.2: 5,6/5,9; 1.3: 5/5,7; 1.4: 4,6/5,4; 1.5: 5,6/5,8. Espaços interlineares: 1: 4,7/13,1; 2: 0,4/0,6; 3: 0,3; 4: 0,1/0,2; 5: 0,2; 6: 12,8/18,5.

#### Bibliografia:

JALHAY (E.), *art. cit.*, p. 233-236.

CORTEZ (F. Russel), *art. cit.*, p. 410.

AE 1950 n.º 221.

ALBERTOS (M. Lourdes), *O. Prim.*, 1966, p. 8 (s.v. "Aebarus") e 253 (s. v. "Viscunosini").

*Variantes de leitura:* 1.2: AEBARV (Cortez); 1.3. VISCVNOSINI (todos os autores); 1.4: Jalhay não indica o X; 1.5: H. S. E. S. TTL (Cortez).

Texto compacto, quase sem espaços interlineares, com um certo alinhamento à esquerda e tendência para centrar a fórmula final segundo um eixo de simetria. Pontuação arredondada, de um modo geral pouco profunda, nem sempre aplicada segundo as regras. Caracteres actuários, esguios, levemente inclinados para diante: barras horizontais um tudo-nada descaídas, A sem travessão.

No final da 1.1, resta do N a maior parte; o S final da 1.2 é que desapareceu com a fractura. Na 1.3, a perna esquerda do primeiro V está traçada: parece-nos mais um acidente do que um nexu XV, desprovido ali de sentido. Não perfilhamos a opinião de E. Jalhay, seguida pelos demais autores, segundo a qual o lapicida teria aproveitado como I o debrum da pedra: é que, para além de não haver o mínimo sinal de gravação (a fotografia é bem elucidativa), o antropónimo *Viscunos* existe documentado na região de Burgos (CIL II 2809 e 2810) que constitui o coração da chamada Clúnia romana, donde o defunto é natural. O patronímico, que não ousamos reconstituir, será, por conseguinte, começado por *Ni-*; note-se a sua colocação após os cognomes, quando deveria vir depois do gentílico, o que é indício de romanização recente, permitindo datar o monumento dos primórdios do século I.

Clúnia — ou, mais exactamente, o *conventus Cluniensis*, que abrangia, ao tempo dos Romanos, o território espanhol que vai “grosso modo” desde Segóvia até ao Mar Cantábrico (actual Cantábria) — foi uma zona de intensa emigração para outras áreas da Península, designadamente para a Lusitânia e, nesta, para o território da Beira Baixa e do nordeste alentejano (11).

O nome de família, *Sempronius*, é corrente, sendo interessante sublinhar que um dos *Viscunos* de Burgos (ILER 6481) pertence também, certamente, a essa *gens*, uma vez que sua irmã se denomina Semprónia. Ultrapassa, aliás, a vintena o número de *Sempronii* referidos por Carmen García Merino no *conventus Cluniensis* (o.c., p. 151-169).

O cognome *Aebarus* surge aqui pela primeira vez com esta grafia. M. Lourdes Albertos (*O. Prim.*, p. 8) relaciona-o com *Aibarus* (de Cória, ILER 2501) e *Ebarus* (de Las Brozas, CIL II 751), nomes que considera formados a partir dum radical *aeb-* (“Emerita”, XXXII, 1964, p. 214 — 215).

A epígrafe interessa, pois, pela onomástica diferente que apresenta e por dar a conhecer a emigração de mais um cluniense. A grafia *Viscunos* documenta a forma original em — os do nominativo singular celtibérico (12).

FOTO 4

#### 4 - Estádio de Boudary

Encontra-se inserida na parede sul do templo da fonte de S. Lourenço — obra de finais do século XVIII — da Quinta de Ribeiros de Pera, propriedade de João de Sousa Castro (172) — com o seguinte significado na língua da região: *Viscunos* de cluniense emigrante, nome com localidade.

Dimensões... 50 x 73,5

---

(11) Cfr.: Georges FABRE, “Latomus”, XXIX, 1970, p. 314-339, sobretudo p. 333; e Carmen GARCÍA MERINO, *Población y Poblamiento en Hispania Romana. El Conventus Cluniensis*, Valladolid, 1975, p. 188 e 441-2. Esta inscrição passou despercebida a ambos os autores.

(12) Cfr. *O. Prim.*, p. 283. Este caso, apesar de conhecido, não é citado.



FOTO 4

#### 4 -- Epitáfio de Boudelus

Encontra-se incrustada na parede sul do tanque da fonte de S. Joaquim – obra de finais do século XVIII sita na Quinta do Ribeiro da Nata, propriedade de João da Cunha Casado (13) – uma placa funerária em xisto da região. Desprovida de moldura, contornos irregulares, lê-se com facilidade.

Dimensões: 50 x 73,5.

*BOVDELVS | CONCELT | F(i)lius | AN(n)orum. LXV (quinque et sexaginta)*

---

(13) Agradecemos-lhe as facilidades concedidas para o seu estudo.

Boudelo, filho de Concéltio, de sessenta e cinco anos.

Altura das letras: 1.1: 6,1/7,3; 1.2: 6,5/7,6; 1.3: 7/8,9.

Espaços interlineares: 1: 7,5/9,4; 2: 4,2/5,6; 3: 3,9/5,6; 4: 5,8/9,4.

*Bibliografia:*

PEREIRA (F. Alves), *art. cit.*, p. 273.

*Variante de leitura:* 1.3: [AN]N(orum) (Pereira).

A paginação procurou obedecer a um eixo de simetria. Caracteres actuários, profundamente gravados, de irregular inclinação: B simétrico, O bastante circular, V de vértice abaulado, S assimétrico, X em forma de cruz (14).

O texto constitui o epitáfio, muito simples, dum indígena, que vem identificado com um nome (*Boudelus*) mais o nome do pai (*Conceltius*). Ambos os antropónimos aparecem pela primeira vez. *Boudelus* deverá relacionar-se com os nomes formados a partir da raiz indoeuropeia *\*boudhi-*, a que se tem atribuído o significado de "vitória": *Boudenna*, *Boudica*, *Boudillus* (15). *Conceltius* deriva do conhecido antropónimo *Celtius*, pela adunção clara do prefixo *con-* (16).

Esta epígrafe reveste-se, por conseguinte, de grande importância, atendendo ao ineditismo da sua onomástica no contexto peninsular.

A ausência da invocação aos deuses Manes, a omissão de fórmulas funerárias, o modo como a personagem é identificada e a paleografia permitem atribuir o monumento à primeira metade do séc. I da nossa era.

---

(14) Esta grafia não é, de todo, fora do comum em monumentos epigráficos semelhantes. Recordemos, a título de exemplo, duas inscrições do Nordeste Alentejano (IRCP 417 e 424).

(15) Cfr. o mapa 1 (p. 56-57) de *O. Prim.*; e "Emerita", XXXII, 1964, p. 230-231.

(16) Exemplo a juntar aos poucos indicados por M. L. Albertos (*O. Prim.*, p. 282).

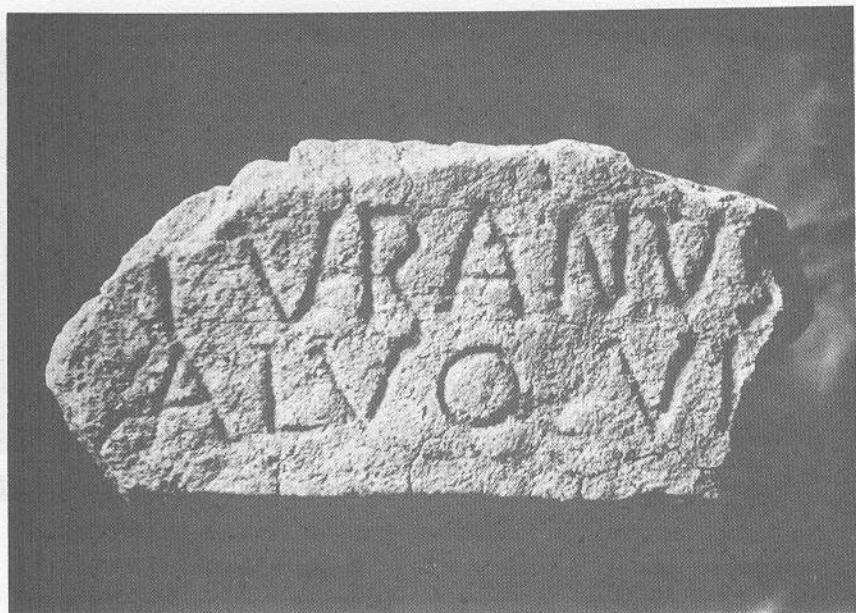


FOTO 5

### 5 – Epitáfio de Turano

Est é a funerária, em granito da região, encontrada por Félix Alves Pereira numa escada de pátio da habitação da Quinta do Ribeiro da Nata. Na opinião do Dr. João Luís Cardoso, actual proprietário da peça, (a quem agradecemos as facilidades concedidas para o seu estudo), não se deve tratar dessa quinta mas de outra, que foi de parentes seus, sita à entrada de Belver do lado do Tejo.

A cor rosada que a estela apresenta à superfície deve-se à alteração dos feldspatos e a sua forma paralelepípedica é provocada por diáclases; somente os topos esquerdo e direito são irregulares. Uma das faces lisas, a maior, foi aproveitada para gravar a inscrição, que nos parece completa.

Dimensões: 30 x 57 x 17.

Face epigrafada: 26 x 50.

TVRANVS / ALVQVI (*filius*)

Turano, filho de Alúquio.

Altura das letras: 1.1: 7,3/8,2; 1.2: 7(Q=6,5). Espaços: 1: 2/4; 2: 2; 3: 4/4,5.

### Bibliografia:

PEREIRA (F. Alves), *art. cit.*, p. 274.

F. Alves Pereira não dá qualquer interpretação do texto.

Tentou fazer-se com que as duas palavras ocupassem o mesmo espaço, alongando, por exemplo, a distância entre o Q e o V seguinte. É irregular, de resto, o espaçamento interlitoral. Há vestígios de linha auxiliar sob a 1.1, denotando o cuidado posto na gravação. Desapareceu, com a esmurradela, a barra transversal do T, mas do S apenas se perdeu uma pequeníssima porção em cima.

Caracteres actuários, fundamente gravados, verticais, de vértices assinalados por segmentos: V geralmente largo, R aberto, A com travessão horizontal na 1.1 e levemente oblíquo na 1.2, Q circular de perna longa, recurvada e oblíqua.

Trata-se de um epitáfio muito simples, em que apenas se refere a identificação do defunto, à maneira indígena, omitindo-se inclusive, segundo cremos, o F de *filius*.

*Turanus*, ao que parece, documenta-se aqui pela primeira vez em nominativo, resolvendo a dúvida posta por M. Lourdes Albertos quanto à desinência final (*O. Prim.*, p. 237): é *Turanus* e não *Turanius*. Na Península Ibérica, atesta-se em Idanha-a-Velha ("Emerita", XXXIII, 1965, p. 131) e, possivelmente, em Ávila (*O. Prim.*, p. 237).

O patronímico, *Aluquius*, é característico da Lusitânia: cfr. *O. Prim.*, p. 18; "Emerita", XXXII, 1964, p. 217; e mapa de distribuição nas "Actas del I Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica", Salamanca, 1976, p. 72.

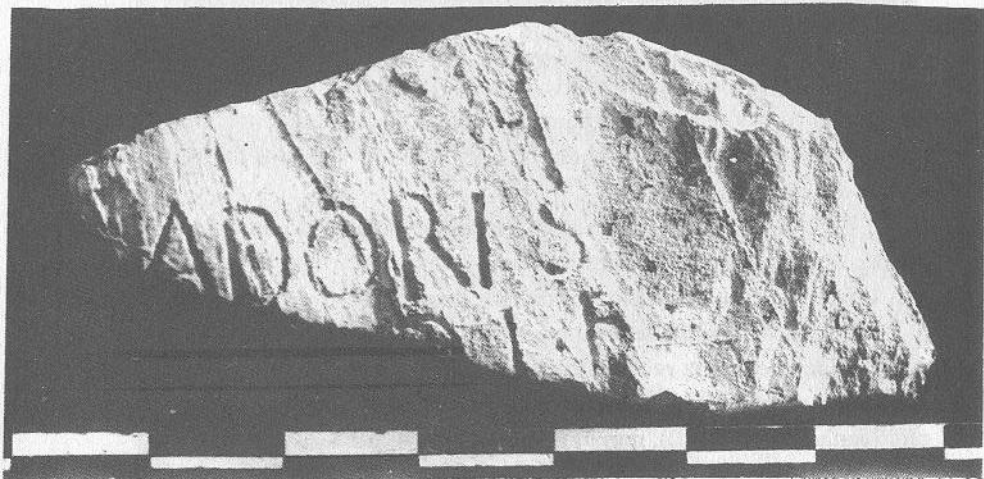


FOTO 6

## 6 – Fragmento de estela

Integrado actualmente no conjunto de materiais a figurar no futuro museu municipal de Gavião, este fragmento de estela funerária em xisto foi também achado, talvez nos princípios deste século, na Quinta do Ribeiro da Nata. A fractura ocorreu obliquamente, da esquerda para a direita, deixando visível parte da 1.1 e o final da 1.2. Félix Alves Pereira tê-la-á visto, apesar de tudo, mais completa, embora a pátina da actual fractura leve a pensar que ela ocorreu há bastante tempo já.

Dimensões: 35,5 x 59,5 x 7,6.

[...] ADORIS . | [TAI?]DI . F(i)lius.

Altura das letras: 1.1: 7,1/8; 1.2: 6,1. Espaços interlineares: 1: 13; 2: 1,2/1,8; 3: 2.

### Bibliografia:

PEREIRA (Félix A.), *art. cit.*, p. 272.

Pontos circulares, colocados até no fim das linhas. Caracteres monumentais quadrados, de excelente gravação e recorte clássico, dos primórdios do Império: veja-se o O bem redondo, o S rigorosamente simétrico... Foi cortada a metade inferior do A, não havendo vestígios de letras nem antes nem por cima da 1.1.

O texto incluiria, numa primeira linha, o nome do defunto e, na segunda, o nome do pai. Se consideramos *-adoris* a terminação dum nominativo singular, há que inseri-lo no número dos compostos de *-rix* (*O. Prim.*, p. 280); mas também pode ser um genitivo da terceira declinação. Não ousamos propor nenhuma reconstituição, inclusive do patronímico, de que apenas temos a parte final: o genitivo *Tai* está documentado na região (exemplo: Idanha, ILER 2420), mas *Taidi* não sabemos que seja.



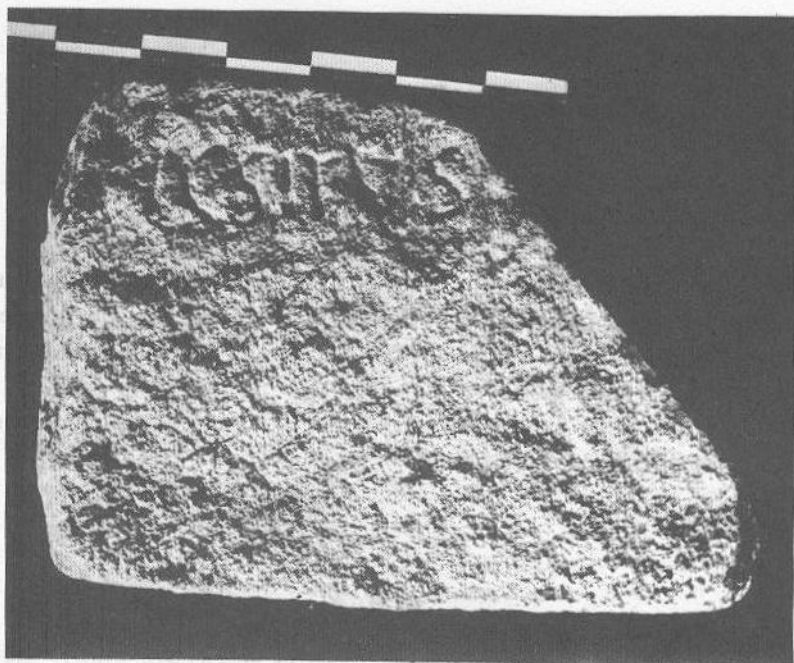


FOTO 7

7 – Bloco com final de inscrição

Encontra-se no castelo de Belver um bloco irregular de granito róseo da região, com a parte final duma inscrição funerária. Proveio da Quinta do Ribeiro da Nata, onde o reencontrámos em 5 de Janeiro último.

O bloco, muito tosco, tem a face epigrafada com a forma de trapézio rectângulo, estando a inscrição na parte superior. O traçado das letras parece-nos romano, mas choca-nos o inusitado da forma e das dimensões, pelo que o incluímos sob reserva neste catálogo. Dá a impressão de que o campo epigráfico foi preparado por ligeiro abaixamento da superfície.

Dimensões: 0,62 x 0,29 x 0,52

[...] /C S/TVS [...?]

Aqui jaz.

Altura das letras: 8,1/9. Espaços interlineares: 1: 2,9/9,1; 2: 42/44.

## Bibliografia

PEREIRA (F. Alves), *art. cit.*, p. 274.

*Variante de leitura:* [H] ICSITVS (Pereira).

Caracteres actuários, irregulares.

O texto apresenta, por extenso, a habitual fórmula com que terminam as inscrições funerárias. O H de HIC pode ter desaparecido, pode estar numa linha anterior de que não restam vestígios ou pode não ter sido gravado (cfr. CIL II 660 e 960).

O uso desta expressão funerária por extenso, eventualmente sem o H, aponta os começos do século I.



Não incluímos no catálogo o chamado *bastão epigrafado de Belver*, onde Leite de Vasconcelos supôs ler o vocábulo *Alliani*, que Félix A. Pereira interpretou como sendo o nome do proprietário desse objecto lítico.

Essa “inscrição” não passa, em nosso entender, da decoração geométrica gravada no topo do bastão, como é de uso em peças idênticas, consideradas actualmente símbolos fálicos. A semelhança com quaisquer letras constitui pura coincidência.

É a seguinte a bibliografia do bastão (que se guarda no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, de Lisboa):

- PEREIRA (F. Alves), *art. cit.*, p. 272-273;
- PEREIRA (Maria Amélia Horta), “O Arqueólogo Português”, III série, vol. II, 1968, p. 29 e fig. 7;
- PEREIRA (Maria Amélia Horta), *Monumentos históricos do concelho de Mação*, Mação, 1970, p. 292-294;
- *Subsídios para a história da nossa terra – o bastão de Belver*, “Ecos de Belver”, n.º 457, 30 de Abril de 1982.

## CONCLUSÕES

Não se pode considerar abundante a epigrafia romana de Belver: duas inscrições votivas, três epitáfios completos e fragmentos de dois outros. A quantidade está, porém, na razão inversa da qualidade, porque são importantes, do ponto de vista histórico, as conclusões que o seu estudo permite tirar:

1. No local onde hoje se situa a capela de S. João Evangelista deve ter existido, desde a época pré-romana, um santuário (edificado ou não) dedicado à divindade indígena\* **Banda**, aqui venerada sob a invocação de **Picius**. Divindade tutelar, viu o seu culto perdurar ao tempo dos Romanos até ser adaptado pelos Cristãos à veneração de S. João. Uma investigação sobre a fundação da capela concluirá, decerto, pela sua grande antiguidade.

A novidade do nosso estudo foi precisamente a de ter rectificado a leitura do téonimo até agora considerado de características insólitas e de etimologia desconhecida, referindo-lhe também a ara n.º 2.

2. Belver cedo sofreu os benefícios da romanização. Os seus habitantes adoptaram os hábitos culturais do invasor, passando a escrever em latim os seus próprios nomes, de raiz indoeuropeia: **Boudelus** e **Conceltius** são, por exemplo, antropónimos totalmente desconhecidos noutras zonas do Império. Gravados muito embora no xisto regional, eles surgem, todavia, num con-

texto funerário já tipicamente romano. Prefere-se gravar o X em forma de cruz, mas sabe-se, inclusive, que a idade do defunto se pode expressar com aproximação através dum múltiplo de cinco (Boudelo morre com 65 anos...) como é usual em zonas culturalmente mais avançadas.

Neste aspecto, a novidade do nosso trabalho foi chamar de novo a atenção para os antropónimos citados (inscrições n.ºs 4 e 5), que passaram despercebidos até agora aos investigadores da onomástica pré-romana, e promover a discussão tendente à possível reconstrução dos nomes chegados até nós incompletos no texto n.º 6.

3. Belver foi ainda, desde cedo também, um pólo de atracção para gentes doutras paragens peninsulares. Pela fertilidade do solo, pela excelência da paisagem, pela riqueza de minas? Ao certo, não sabemos. Contudo, a atestada presença dum cluniense (inscrição n.º 3) não pode ser encarada isoladamente: outras pessoas dessa e doutras regiões para aqui terão imigrado.

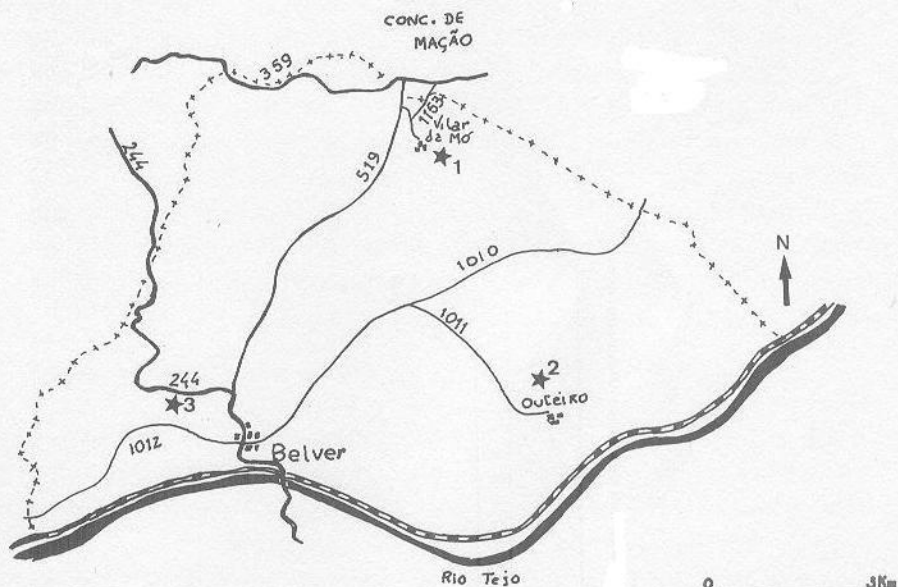
A re-análise do epitáfio de **C. Sempronius Aebarus Viscunos** permitiu corrigir, além de aspectos de pormenor, a leitura dum dos raros antropónimos de raiz celtibérica com a primitiva terminação em **-os** no nominativo: **Viscunos**.

4. Tipologicamente, os monumentos epigráficos de Belver inserem-se no contexto habitual desta zona da Lusitânia. As inscrições votivas fazem-se em pequenas aras de granito, mal proporcionadas, de molduração simples e grande capitel. Os epitáfios gravam-se em estelas de xisto ou granito, rudimentarmente afeiçoadas sem a mínima preocupação geométrica.

Neste domínio, a única novidade que deixamos à consideração dos investigadores é a forma e as dimensões invulgares do bloco (n.º 7).

Dos primórdios da era histórica falam, pois, estas pedras escritas de Belver. A sua divulgação constitui, de facto, um regresso às nossas raízes. Na certeza de que, respeitando-as, estamos a preservar a nossa própria identidade.

CARTA DA EPIGRAFIA ROMANA DA FREGUESIA  
DE  
BELVER



1 – Vilar da Mó; 2 – Sítio da Feiteira, do lugar do Outeiro; 3 – Quinta do Ribeiro da Nata / Fonte da Moura.

texto futuro, é maior, portanto, o grau de liberdade que o autor tem e o grau de liberdade que o leitor tem. É este o grau de liberdade que o autor tem e o grau de liberdade que o leitor tem. É este o grau de liberdade que o autor tem e o grau de liberdade que o leitor tem. É este o grau de liberdade que o autor tem e o grau de liberdade que o leitor tem.

3. Beber foi ainda, desde então, também um pólo de atração para gentes de outros pontos da zona. Pela fertilidade do solo, pela existência de águas minerais, a zona tornou-se, ao longo do tempo, não apenas um ponto de interesse turístico, mas também um pólo de atração para gentes de outros pontos da zona. Pela fertilidade do solo, pela existência de águas minerais, a zona tornou-se, ao longo do tempo, não apenas um ponto de interesse turístico, mas também um pólo de atração para gentes de outros pontos da zona.

A respeito do espólio do patrimônio arqueológico de Beber, verificamos que, além dos aspectos de povoamento, a leitura das ruínas nos permite estabelecer relações culturais com a primitiva civilização que se desenvolveu nesta zona. A respeito do espólio do patrimônio arqueológico de Beber, verificamos que, além dos aspectos de povoamento, a leitura das ruínas nos permite estabelecer relações culturais com a primitiva civilização que se desenvolveu nesta zona.

Todas as estruturas edificadas em Beber inseriram-se no contexto cultural da zona de Beber. A importância dos vestígios encontrados nesta zona é de grande relevância para a compreensão da evolução da civilização que se desenvolveu nesta zona. Todas as estruturas edificadas em Beber inseriram-se no contexto cultural da zona de Beber.

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo apresentar a situação atual da zona de Beber, bem como a importância dos vestígios encontrados nesta zona. A importância dos vestígios encontrados nesta zona é de grande relevância para a compreensão da evolução da civilização que se desenvolveu nesta zona. O presente trabalho tem por objetivo apresentar a situação atual da zona de Beber, bem como a importância dos vestígios encontrados nesta zona.

Palavras-chave: Beber, patrimônio arqueológico, zona de Beber, estruturas edificadas, vestígios encontrados.

DOI: 10.1007/978-3-319-24452-4\_1

**Composto e Impresso**  
na  
**INGRAPOL**  
**Industrial Gráfica de Portalegre, Lda.**  
**Junho de 1984**  
**Tiragem: 1.500 ex.**